

# SAPATOS DE PASSEIO

António Torrado

escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou



**E**nquanto dormimos, os sapatos dão grandes passeios. Sobretudo os de andar por casa – chinelos, pantufas, sapatilhas e por aí fora.

Os sapatos dos velhinhos que, durante o dia, já só andam a arrastar, mal apanham os donos a dormir, saltam, dançam, saltaricam que é uma maravilha. Nem se acredita.

As botas dos que trabalham no campo escapam-se para a cidade. Os sapatos dos citadinos vão dar uma voltinha até ao campo mais próximo. E também há sandálias que gostam de passear-se sozinhas à beira mar, nas noites de Lua Cheia.

Mas isto está tudo muito bem combinado. Assim que sentem que são horas de voltar, os sapatos, botas, botins, botifarras, chinelos e sapatões correm para junto das camas dos seus respectivos donos e aí ficam, muito quietinhos, à espera de serem calçados.

Agora eu vou contar a história de uns sapatos que se perderam. Eram uns sapatos de menino, ainda pouco habituado a andar.

Estava o menino mergulhado em pleno sono, quando os sapatos, pé ante pé, se decidiram a ir correr mundo. Para eles o mundo seria tudo o que ultrapassasse a sua pouca experiência de sapatos de quarto, de sala, de corredor e, quando muito, de jardim.

Assim que se viram sozinhos na rua desataram a correr. Com o que não contavam era com um cão vadio que, ao vê-los tão soltos, tão ligeiros, abocanhou um deles e fugiu. O outro correu atrás do bicho pulguento, a exigir o seu par. O cão assustou-se e largou-o, sem se virar para trás.

Ficaram outra vez os dois sapatos lado a lado. Mas onde é que estavam? Eles, que tinham pouca prática da vida, desorientaram-se. Era a primeira vez que vinham à rua e sentiram-se perdidos.

Andaram para um lado e para o outro, à procura da casa com jardim. A zona da cidade, aonde tinham vindo parar, só tinha prédios muito altos, com andares de escritórios. Ora, como se sabe, nos escritórios, à noite, não dorme ninguém. Pode dormir, de dia, um ou outro empregado, mas à secretária, sentado e calçado.

Os sapatinhos ainda pediram ajuda numa montra de sapataria. Sem resultado. Eram sapatos novos, recém-saídos da caixa, e não conheciam aquelas paragens.

O par de sapatos do menino fartaram-se de andar, a noite toda. Já começava a nascer o sol, quando uma senhora que ia para o trabalho os viu. Pegou neles, mirou-os e remirou-os, apreciando a qualidade e pouco uso, e meteu-os no saco.

A senhora era empregada da limpeza de uma casa com jardim, logo por coincidência a casa onde morava o menino, dono dos sapatos. Quando eles perceberam que estavam em território conhecido, saíram, muito sorrateiros, do saco da senhora mulher-a-dias e foram em bicos de pés para o quarto do menino, ainda a dormir a bom dormir.

A senhor fez as suas limpezas, aprontou os pequenos-almoços e abalou para outra casa de família, onde também trabalhava.

Quando, ao fim do dia, a senhora Deolinda regressou, muito fatigada, à sua própria casa e procurou no saco os sapatinhos que, de madrugada, tinha achado na rua, não os encontrou.

– Esquisito! Era capaz de garantir que os tinha guardado no saco. Ou terei sonhado?

Sonho da senhora Deolinda, sonho do menino, dono dos sapatos, ou sonho dos sapatos do menino, tanto faz. O que importa é que esta história acaba onde começou.

FIM